

# APRESENTAÇÃO

## HISTÓRIA, FONTES E POSSIBILIDADES DE PESQUISA

DOI: 10.5935/2177-6644.20160001

**Fábio André Hahn**  
**Oseias de Oliveira**  
*Editores da Revista TEL*

A Revista TEL – Tempo, Espaço e Linguagem é um periódico semestral e que tem por objetivo proporcionar oportunidade para a comunidade acadêmica divulgar e expor os resultados de suas pesquisas, abrir caminhos para o debate e criar condições para que as ideias circulem, possibilitando o avanço contínuo da ciência.

Neste fascículo o leitor encontrará certa peculiaridade presente na diversidade de textos, o que nos motivou na difícil tarefa de procurar refletir sobre os elementos que aproximam as abordagens realizadas por cada autor, o que não necessariamente gera uma unidade sólida, mas representa uma característica contemporânea da produção e da escrita da história: a multiplicidade das tipologias e suportes documentais.

Certamente essa foi uma característica que marcou profundamente nossa historiografia nas últimas décadas, dando novo impulso interpretativo e gerando resultados de expressão pouco imaginados há meio século atrás. Nem todos os suportes e tipologias são completamente novos, mas acompanhados por essa onda de expansão documental, vieram os diferentes olhares sobre um mesmo objeto, o que resultou em uma pequena “revolução” na forma de entendermos a história.

É inevitável mencionar obras como *História: novas abordagens*; *História: novos objetos* e *História: novos problemas* organizadas por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Os autores apresentam um diagnóstico da história e apontam para caminhos a serem explorados em um momento em que a história disciplinar vivia uma de suas “metamorfoses”. No

contexto da década de 1970, talvez nem todos os textos tenham sido bem recebidos ou compreendidos com o teor necessário, no entanto ao revisitarmos esse material na atual conjuntura, facilmente percebemos o quanto as ideias propagadas apontavam para uma mudança bastante representativa no campo da história. Os três volumes organizados por Le Goff e Nora colocaram em questão a própria história com novos problemas, traçando mudanças na estrutura mais tradicional da história com novas abordagens e permitiram uma ampliação do campo epistemológico da história com novos objetos.

Com isso o que se nota é uma mudança no ofício e no perfil do historiador. A reclusão e a pesquisa em um reduzido acervo documental para escrever a história já não é mais uma característica marcante do historiador a partir do final do século XX. A ampliação do campo e a expansão documental permite ao historiador explorar novos cenários com envolvimento prático cada vez maior, compreendendo os diferentes sujeitos e contextos variados. A partir desse momento o historiador passou a compreender uma questão que cada vez vem sem ampliando, quebrando resistências e isolamentos, qual seja, a realização e desenvolvimento de pesquisas coletivas, pesquisas em rede, avançando na difícil tarefa de produzir resultados mais expressivos. O diálogo, o debate conceitual, a troca de informações são elementos cada vez mais presentes em uma sociedade da informação, da tecnologia midiática, que tem revolucionado as formas de pensar a história, as fontes e as formas de fazer pesquisa. Nesse cenário, nem tudo é expressão de mudança positiva, as dificuldades acompanham as conquistas na mesma proporção, mas são inevitáveis e precisam ser superadas. Não temos dúvidas de que as conquistas são expressivas, o que permitiu um redimensionamento do ofício e uma inserção representativa do papel público do historiador.

Nessa direção, no fascículo hora apresentado destacamos as principais tipologias e suportes documentais encontrados nos artigos, como: dados estatísticos, processos, jornais, entrevistas, música e cinema. Como não é possível abordar todas elas neste momento, optamos por ressaltar apenas três que parecem ter atingido grande proporção no suporte das pesquisas desenvolvidas no Brasil: as entrevistas, os jornais e o cinema. Nenhuma delas seria considerada fonte segura no século XIX, não só pela deficiência técnica como é o caso das câmeras no cinema e dos gravadores nas entrevistas, mas especialmente pelo teor da tipologia documental, o que também não seria diferente para os jornais. Portanto, a tipologia documental do século XIX estava restrita aos documentos oficiais, produzidos em grande medida pelo Estado. Mesmo com todas as

transformações que a disciplina História sofreu no começo do século XX, teríamos ainda dificuldade de ver as tipologias de fontes apontadas como suportes para uma fundamentação argumentativa. Apesar da ampliação da noção de fonte histórica no começo do século XX, apenas nas últimas décadas deste século que verificamos uma expansão do suporte documental da História, ancorada nas mudanças teórico epistemológicas deste campo.

Para tratarmos destas três fontes, com suas especificidades de tipologias, abordaremos sinteticamente cada uma delas e seu impacto no cenário nacional, sem a preocupação em querer apresentar uma definição taxativa e alongada ou um resumo historiográfico.

Iniciaremos pelas entrevistas. As gravações das entrevistas a partir da década de 1950 – momento em que se inventou o gravador à fita – possibilitaram com que tivéssemos um registro mais completo dos testemunhos. Na década de 1970, as técnicas na área começaram a ganhar espaço e automaticamente passou a criar uma legião maior de adeptos, disseminado os resultados em revistas científicas, livros e eventos na área. A consolidação da área ocorreu apenas na década de 1990, momento em que foram criadas a Associação Brasileira de História Oral – ABHO em 1994, e *International Oral History Association* – IOHA em 1996.

A História Oral foi ganhando terreno lentamente, apesar de gradativa teve impacto representativo na academia, resultando em pesquisas aprofundadas a partir do uso das entrevistas como fontes primárias no desenvolvimento das pesquisas. Aumentaram os cuidados com os acervos de entrevistas, o tratamento, o cuidado com análise, especialmente a partir da ampliação dos recursos tecnológicos que possibilitaram melhorias interessantes para a área. Apesar de tudo isso, a área apresenta diferentes tendências e entendimentos em como proceder na realização das entrevistas e no tratamento analítico. Nesse campo não há homogeneidade, mas ao contrário do que se imaginaria, tem permitido um avanço na utilização das entrevistas como fontes fundamentalmente preciosas para a realização da investigação científica de alto nível.

Já os jornais. Os estudos que tem recorrido à imprensa, especialmente no Brasil, tem encontrado campo cada vez mais vasto, ancorado na preocupação com a preservação documental. Um bom exemplo é a Biblioteca Nacional Digital, que tem disponibilizado gratuitamente o acesso a um grande acervo de jornais digitalizados, fato que tem impactado na ampliação das investigações. Na história os periódicos tem

ocupado importante papel na pesquisa, especialmente a partir da década de 1970, mesmo que em um primeiro momento isso tenha sido realizado de maneira mais tímida, com resistência e medo sobre a credibilidade, sobrevivendo um certo desprezo e suspeita. No Brasil, com jornais impressos preservados desde o século XIX, tanto aqueles com grande circulação, quanto os locais e regionais, tem possibilitado a realização de investigações sobre testemunhos e registros do cotidiano, da política, da economia e da cultura. Apenas nas últimas décadas do século XX é que a imprensa no Brasil, depois de mais de um século de existência neste território, passou a ser reconhecida enquanto fonte e objeto de pesquisa histórica pela maior parte dos pesquisadores.

Por fim o cinema. Essa é uma linguagem complexa e exige um domínio de diferentes temas e técnicas. Do desenvolvimento da capacidade de identificação de elementos narrativos, até o seu plano e suas sequências. A linguagem fílmica não é apenas o diálogo que constitui o roteiro, mas é composta por personagens, figurinos, cenários, trilhas sonoras, entre outros elementos. Assim como as demais fontes apontadas acima, o cinema somente recentemente passou a ser entendido como uma fonte histórica. Marc Ferro talvez tenha sido um dos precursores a projetar uma análise de filmes de forma mais cuidadosa. No atual cenário encontramos diferentes correntes e formas de interpretação de filmes. No entanto, é importante ressaltar que para analisar um filme é preciso compreender que o filme não é neutro, não é um espelho da realidade, está repleto de intencionalidades e que representa uma dada visão de sociedade. Portanto, uma série de elementos precisam ser analisados, levando em consideração que o filme é uma linguagem que necessita do diálogo, cruzando com outros documentos, de modo a entender a composição cênica, a construção dos personagens, elementos que são também externos ao filme, mas que podem revelar os princípios de sua composição e de suas influências que marcam profundamente o cinema.

O rápido comentário dos três campos representa, de certa forma, as diferentes tipologias que sintetizam as mudanças ocorridas na década de 1970 e que de alguma forma estão presentes neste fascículo. A Revista TEL tem um histórico representativo. Criada em 2010, a revista conta com um Conselho Editorial e Conselho Consultivo formado por professores pesquisadores de universidades do Brasil e do exterior, portanto a TEL é resultado de um projeto cuidadoso, estrategicamente planejado e gestado para atingir um grande público leitor. Vinculada a dois Programas de Pós-Graduação em História de duas universidades estaduais do Paraná – Universidade Estadual do Centro-

Oeste/Unicentro e Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG –, a Revista TEL apresenta ao público acadêmico, por meio de sua Equipe Editorial, mais uma edição. Nesse número a Revista TEL atinge seu sétimo ano de circulação, com um total de dezoito fascículos e cento e quarenta e quatro produções, constituídas principalmente por artigos resultantes de investigação científica, mas também de entrevistas, resenhas e projetos de pesquisa. Com autores de diferentes instituições nacionais e internacionais, a Revista TEL tem atingido um público leitor cada vez maior, o que não deixou sua Equipe Editorial esmorecer frente às dificuldades atuais e presentes no dia a dia de um periódico científico. Um trabalho silencioso realizado por uma equipe que procura levar ao leitor cada vez mais exigente, o resultado de investigações sérias e comprometidas realizadas pelos seus colaboradores.

Neste número da Revista TEL foram publicados treze textos de pesquisadores vinculados a dez diferentes instituições localizadas em cinco estados brasileiros e um artigo de outro país, constituindo oito artigos, uma entrevista, um ensaio, uma resenha e um projeto de pesquisa, todos submetidos à revista e igualmente avaliados pelo sistema duplo cego por seus pares.

Por fim, esperamos continuar contando com a colaboração dos nossos leitores, autores e avaliadores na construção de um projeto editorial cada vez mais sólido, possibilitando com que a pesquisa em nosso país alcance novos patamares a cada ano que passa e cientes da necessidade de continuar pavimentando o caminho que ainda é longo.

Desejamos uma boa leitura a todos!